

DA SOMBRA À LUZ: A QUESTÃO DO OUTRO NA OBRA DE ELVIRA FOEPPPEL

Vanilda Salignac Mazzoni
Doutoranda/UFBA.
Bolsista CAPES/Ne.

Há determinados temas que não podem ser debatidos isoladamente porque os sentidos não se entrelaçam e nem se cruzam, necessitando, portanto, de conhecimentos paralelos ou de conhecimentos prévios a fim de que se tornem mais evidentes. Baseado nessa assertiva, discutir sobre o sujeito que está na margem (ou o sujeito do entrelugar) é levantar, também, a questão do estereótipo e de como esse sujeito se transformou no *outro* dentro do paradigma cultural no qual está inserido ou no qual nós o inserimos.

A pós-modernidade é responsável por toda discussão sobre as singularidades como raça e gênero. A separação dessas categorias ímpares resultou na formação da consciência do que é ser um sujeito periférico e da importância de saber articular essas diferenças enquanto negociação para a conquista da compreensão, por parte do outro, de que o que era uma voz dissonante no passado, agora, no presente, deseja a inserção enunciativa. O outro quer falar, ouvir, se expressar e, acima de tudo, quer sociabilizar o seu problema.

Essa nova formação da identidade cultural baseada no deslocamento das estruturas das sociedades modernas é ampliada por Heloísa Buarque de Hollanda ao comentar que:

De forma geral, a nova sensibilidade pós-moderna dirige suas forças para a desconstrução sistemática dos mitos modernistas questionando não só o papel do iluminismo para a identidade cultural do Ocidente, mas também o problema da totalidade e do totalitarismo na epistemologia e na teoria política modernas. A agenda teórica pós-moderna abriga ainda um elenco de questões em torno dos efeitos gerados pela perda da credibilidade nas metanarrativas fundadoras e do processo de erosão e desintegração de categorias até então inquestionadas, como as noções de identidade e autoria, ou mesmo idéias de ruptura, novo ou vanguarda que se constituíram como critério-chave da estética moderna, privilegiando os caminhos críticos apontados pela revalorização da história no exame das ideologias que

*estruturaram as formações discursivas e os processos de construção das subjetividades.*¹

Stuart Hall², debatendo a formação da identidade, concebe três sujeitos: I – o sujeito do Iluminismo (ele é centrado e unificado, fixo e estável por toda a sua vida); II – o sujeito sociológico (aquele que está preso às estruturas ao mesmo tempo em que está inteirado com a sociedade, por isso irá estabilizar-se tal qual o sujeito do Iluminismo) e III – o sujeito pós-moderno. Essa última concepção é a que nos interessa nesse momento: o sujeito que está isento de identidade fixa, ele assume diferentes identidades em momentos diversos, como se estivesse buscando um *locus* de acomodação. Criar uma barreira intransponível entre essas diferenças culturais significa manter o sujeito no lugar, sem permiti-lo “deslizar” entre um ponto e outro, e remontando a algo que deve ser repetido para ser fixado e, segundo Homi Bhabha, a “tensão” está exatamente na fixidez porque a manutenção de algo tem como principal estratégia discursiva o estereótipo. Quando tomamos o discurso do outro e o pré-determinamos, caracterizamo-lo como estéril, não lhe damos valor, conseqüentemente, não o reconhecemos, logo o estereótipo reduz o outro a um olhar unívoco, baseado no conceito de autoridade.

Porém, com relação aos estudos feministas, a pós-modernidade mostrou-se ambígua, uma vez que não objetivou seu alvo, equivocou-se ao considerar o feminismo como mais uma classe e não como uma teoria, isto é, generalizou o sujeito do entrelugar, fez desaparecer as individualidades ao não reconhecer os discursos particulares, tentando enfraquecer os estudos de gênero.

Nosso desejo em lembrar a escritora Elvira Foeppel em um momento em que a sociedade pós-moderna está discutindo esse *outro sujeito* torna-se relevante porque ela viveu em

¹ HOLLANDA, Heloísa Buarque de. “Políticas da teoria”. In: *Pós-Modernismo e Política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. p. 7-14.

² HALL, Stuart. *Identidade Cultural*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1997.

um país e em uma cidade marcados pela repressão, não só política, mas também social, no que diz respeito às vozes dissonantes como a minha, a sua e a dela. Nós, enquanto mulheres. Essa consciência de que somos esse *outro*, de que, também, somos esse sujeito que escreve a história literária e se inscreve na História é importante para acentuarmos o caráter da desconstrução de tudo aquilo que representa os elementos de formação do sujeito paradigmático.

Elvira Foeppel³ foi vítima do preconceito de sua cidade, dos críticos literários e dos leitores. De sua cidade porque, em 1947, preferiu ceder às pressões da sociedade ilheense que proibia suas filhas de manterem amizade com a poetisa que tinha um comportamento “muito liberal”: era a moça que pilotava avião e a moça que tinha uma vida sexual muito livre para os limites morais da comunidade; portanto, evidenciou-se o mal-estar em Foeppel, pois ela se sentia limitada, presa às convenções da pequena cidade, sentindo-se, desta forma, obrigada a transferir-se para o Rio de Janeiro em busca de um lugar onde pudesse exercitar sua veia literária e viver a sua vida. Ledo engano.

O código patriarcalista, no qual Foeppel se inseria, não era restrito, e sim, parte de um sistema social muito maior do que ela pensava, por isso o espaço a que a neófito na literatura aspirava não estava disposto a acolhê-la como ela desejava. Os críticos literários não estavam preocupados e nem dispostos a dar atenção à autoria feminina, principalmente ao tema eleito por Elvira: o existencialismo sartriano, que caracterizava sua obra desde Ilhéus, quando publicou cerca de vinte e dois poemas no jornal *Diário da Tarde*, em uma coluna completamente deslocada, porém comum para a literatura na década de 40: a social, a mesma das notícias de casamentos, mortes, aniversários, formaturas, nascimentos e receitas de beleza e culinária.

Foeppel deixou-nos uma ampla produção literária dispersa, embora só tenha publicado três livros: *Chão e poesia* (1956), *Círculo do medo* (1960) e *Muro frio* (1961). *Chão e poesia* foi

³ Elvira Schaun Foeppel nasceu em Canavieiras, BA., em 15/08/1923 e faleceu no Rio de Janeiro em 23/07/1998.

publicado pelas Organizações Simões Ltda. e ilustrado por um dos mais importantes profissionais da época: Santa Rosa. É uma obra híbrida, espécie de diário cifrado, uma mescla de relatos de experiências pessoais e poesia, dando ao livro um certo tom de autobiografia, variando entre narrativa e declamação de poemas.

Sua segunda publicação, *Círculo do medo*, foi lançada pela Editora Leitura em 1960 e é uma coletânea de contos. O título traz de volta todas as temáticas recorrentes em seus dispersos anteriores: refere-se ao círculo de medos que envolve a vida de todos nós, são medos que se transformam em angústia humana, capazes de mudar a nossa vida nos instantes mais inesperados, nas situações que poderiam ser resolvidas; mas como as personagens estão em seus limites de tolerância, tendem a dramatizar seus sentimentos.

Muro frio foi a última publicação de Foeppel e tem um título sugestivo, uma vez que a palavra “muro” nos remonta à representação de tudo aquilo que sugere uma barreira, impedimento, cerceamento, separação, obstáculo, e o adjetivo “frio” reforça o distanciamento, a impassibilidade das pessoas preconceituosas. Nesse romance, a protagonista, Marta, é uma jovem que tem a vida contada desde a infância até a fase adulta, quando retorna à terra natal, uma cidade praiana (o que levou muitos amigos a acreditarem que Foeppel estava falando de si mesma), após muitos anos, e tem de conviver com os mesmos comentários sobre a escolha pessoal de seu modo de viver e, embora ela não queira abrir mão de sua escolha, reconhece o preço que tem de pagar: a sua imagem, enquanto mulher, ficou fragilizada diante dos olhares atentos da cidade que ostenta sérios problemas em sua formação social ao pregar um falso moralismo.

Elvira Foeppel mostrou, no conjunto de sua obra, que estava consciente de quem era a voz da autoridade e o dono do discurso na sociedade misógina, a qual vê a mulher como um objeto de sua propriedade; podendo, assim, ser explorada sem ter o seu desejo questionado, porque sabia que sua voz não tinha ressonância, ao mesmo tempo em que deixou evidenciado

seu inconformismo, mostrando personagens que escolhem seus destinos, e, ainda que venham com a marca da solidão e da angústia, elas caminham para a vida escolhida por si mesmas. Assim como ela própria, que já vivenciava a tensão de ser o outro, de ser o “deslocado” na sociedade, sentindo-se, sempre, perseguida pelo mal-estar que resultava do tratamento dos outros para com ela.

Com relação à não-formação de um público leitor, esta foi uma barreira surgida pela extensão do preconceito dos críticos em não “avalizar” a autoria feminina. Entre os anos 40 e 60, no Brasil, a literatura produziu uma escrita muito específica, dentro de uma temática que caminhou na contramão do regionalismo brasileiro, influenciado pelo *social discomfort*, gerado pelas leituras baseadas no existencialismo sartriano, no sentimento de frustração por descobrir-se como o outro e na sensação de impotência de toda uma geração de mulheres que estavam vivendo não só uma repressão política, mas também repressão pessoal por causa da ansiedade pelas conquistas femininas, tema que afastou o leitor, que não estava nem um pouco preocupado com a sensação de deslocamento da mulher. Ao contrário do que pregou a sociedade, embasada nos princípios da era vitoriana e consolidada pelo pensamento iluminista burguesa, não houve complacência para as mulheres em relação ao lema de *Liberdade, Igualdade e Fraternidade*.

A aversão dos críticos literários à sua produção estava ligada à questão do cânone, pois este é a cristalização de modelos de escrita definidos desde os séculos passados, caracterizando, principalmente, um determinado grupo de escritores que hoje pode ser configurado como um grupo: branco (ou que se aproxime por idéias no caso das colônias), masculino, burguês e ocidental. Havia, nos críticos, uma rejeição em revisar o cânone quando se recusavam, até mesmo, a fazer uma breve leitura dessa produção, quanto mais uma crítica. Hodiernamente, a literatura contemporânea está buscando o contrário quando se propõe a não mais questionar o cânone, mas ampliá-lo para que possamos ter o que é canônico e o que não é canônico e ambos

terem o mesmo valor e assim termos a oportunidade de ler outros textos, inclusive os de autoria feminina, que, por antecipação, já são excluídos.

Ser esse *outro*, se tomarmos o princípio de Homi Bhabha, significa ser o sujeito produzido por um dispositivo de poder que se dissemina por toda parte. Estabelecendo uma analogia, podemos relacionar ao discurso da arte literária, que também é uma instituição de poder, e à literatura produzida pelas mulheres que, por ser a literatura do *outro*, vem a representar o sujeito “sem nenhuma voz de ressonância”, portanto, “passível de ser silenciado”.

A estratégia de radicalização do outro reside no silêncio, se o outro não é citado não há confronto, é desviado para o esquecimento e, conseqüentemente, a sua exclusão. Porém, o silenciar, o ignorar, também faz do outro o incômodo, a resistência, ele está ali para ser lembrado. Elvira Foeppe situa-se nessa segunda intenção do silenciamento: no incômodo, como tantas outras escritoras que foram esquecidas e que são resgatadas na contemporaneidade a fim de terem seus textos estudados verticalmente dentro de uma temática específica.

Quando levantamos a discussão sobre a omissão da produção de autoria feminina, estamos nos referindo à ausência de citação dessa escrita dentro da Historiografia Literária e que merece ser citada não por ser melhor, ou por questões de ressentimento, ou por estar patente nos compêndios literários esta ausência, mas para fazer jus à necessidade de ouvir uma outra voz que não seja esta única autorizada. Se acreditamos não haver possibilidades da existência de uma identidade pura, qual o motivo que nos faz aceitar uma literatura cujo olhar não se desloca, cujo olhar não se desvia? Todo discurso totalizador pode ser considerado falso.

Várias são as tentativas de calar o outro, visto como o subalterno, sempre é desejado que a sua voz seja dissonante. Gayatri Spivak, em seu texto *Can the subaltern speak?*, alertou-nos de que se esse outro é a mulher o contexto se problematiza, pois se levarmos em consideração, além do gênero, a raça e a classe social a complicação é triplicada. Confirmamos que a resposta

para a pergunta que intitula o texto de Spivak é não. Dentro dos interesses culturais, sociais e políticos que envolvem o subalterno, ele realmente não pode falar e se o subalterno for uma mulher e intelectual, ela tem uma tarefa a qual não deve renegar. Alguma prosperidade virá desse embate.

Foi acreditando nessa prosperidade que trouxemos a imagem de Elvira Foeppel, uma mulher, intelectual, escritora, jornalista, bonita, extravagante, que não quis se casar, não quis ter filhos e não gostava de afazeres domésticos, mas teve que pagar um preço: a exclusão, a solidão literária, o preconceito do outro por ser o *outro* (ou como diria Derrida, o *cabo* do cabo).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

- ANDERSON, Benedict. Memória e esquecimento. In: *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- BHABHA, Homi K. “Introdução: locais da cultura”. In: *O local da cultura*. Trad. de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. p. 19-42.
- BHABHA, Homi K. “A outra questão”. In: *O local da cultura*. Trad. de Myriam Ávila, Eliana L. Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. p. 105-28.
- DERRIDA, Jacques. *O outro cabo*. Coimbra: Reitoria da Universidade/ A Mar Arte, 1995. p.93-147.
- HALL, Stuart. *Identidade Cultural*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1997.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque. “Políticas da teoria”. In: *Pós-Modernismo e Política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. p. 7-14.
- MAZZONI, Vanilda Salignac de Sousa. *A violeta grapiúna: levantamento intelectual, biográfico e da produção literária de Elvira Foeppel*. Salvador, 2001. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 224p.
- QUEIROZ, Vera. *Crítica literária e estratégias de gênero*. Niterói: EDUFF, 1997.
- SPIVAK, Gayatri. Can the subaltern speak? In: *Marxism and the interpretation of culture*. Lawrence Grossberg and Cary Nelson (org.). Londres: Macmillan Education, 1988.